

# ■ HISTÓRIA E LITERATURA NO TEMPO PRESENTE

Pedro Eurico Rodrigues<sup>1</sup>

Tathiana Cristina da Silva Anízio Cassiano<sup>2</sup>

Este dossiê de investigações explora a tensão entre História e Literatura, utilizando a força crítica da narrativa para analisar o passado e sua relevância no presente. Ao articular documentos, ficção, memória e sensibilidades, os estudos aqui coligidos demonstram que a literatura não apenas dialoga com a historiografia, mas atua como agente propositor de novas interrogações, desestabilizando certezas e reconfigurando as percepções do real. Em um cenário marcado por disputas de memória, negacionismos e revisões de traumas coletivos, essa interdisciplinaridade adquire urgência. Enquanto a literatura emerge como um lugar privilegiado de enunciação, a História provê o suporte metodológico para compreender como o passado se inscreve no presente, desvelando silenciamentos e conflitos simbólicos.

A abertura deste volume é conduzida por Edmo Videira Neto e Julia Ferrarezi Petrato, que discutem o estatuto da ficção em Hayden White e Ivan Jablonka, sustentando que a narrativa histórica opera em simbiose com o ficcional para construir interpretações sobre o passado. Na sequência, Ana Luíza Mello Santiago de Andrade reivindica a crônica como fonte historiográfica essencial, demonstrando como esse gênero captura sensibilidades urbanas e práticas cotidianas que frequentemente escapam aos registros oficiais. Já Maria Eduarda Sampaio Alves revisita a poética de Mário de Andrade sob a ótica de urgências contemporâneas como raça, corpo e sexualidade, reafirmando a atualidade do modernismo brasileiro frente aos debates identitários atuais.

No campo das subjetividades e do confronto com normatividades, Fabiane Pacheco da Cunha, Janaína dos Santos Puchalski e Flávia Theis Junges analisam o romance *Morra, amor*, de Ariana Harwicz, evidenciando como a literatura desconstrói a idealização da maternidade ao dar visibilidade a afetos ambivalentes. A dimensão do trauma é explorada por Marcelo Fidelis Kockel, que examina a autoficção de Hisham

---

<sup>1</sup> Doutor em História Doutorado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9025909151064904>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5854-0208>. E-mail: [pedro.eurico.rodrigues@gmail.com](mailto:pedro.eurico.rodrigues@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em História Doutorado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2471526222413117>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0563-0701>. E-mail: [tathi.leandro@gmail.com](mailto:tathi.leandro@gmail.com).

Matar para discutir exílio e desaparecimentos. Sua análise revela como lacunas narrativas manifestam temporalidades espectrais, desafiando a noção de passado encerrado sob regimes autoritários. Complementando essa discussão sobre representatividade, no sexto estudo, Giordana Bueno Longoni investiga a recepção de *The Song of Achilles* por leitores LGBTQ+, posicionando a ficção histórica como um território de pertencimento e disputa por memórias politicamente situadas.

O diálogo entre literatura e engajamento político é aprofundado por Vinicius de Azevedo ao examinar *Viagem*, de Graciliano Ramos, explorando o testemunho literário como chave para compreender as tensões do PCB e as disputas ideológicas do século XX. Nessa mesma linha de denúncia, Rubens Corgozinho confronta a produção inicial de Rubem Fonseca com a propaganda oficial do regime militar, expondo as contradições entre o discurso estatal e a violência estrutural urbana. Encerrando as contribuições, Júlia de Almeida Prado aborda *O Corpo Interminável*, de Cláudia Lage, para problematizar o luto interrompido e os desaparecimentos políticos, ressaltando o compromisso ético da literatura na elaboração de passados sensíveis.

Em conjunto, estas pesquisas reafirmam que o entrelaçamento entre História e Literatura amplia a compreensão dos processos sociais ao incorporar subjetividades, experiências e silêncios. O dossiê demonstra que o tempo presente exige abordagens transversais capazes de enfrentar negacionismos e elaborar memórias coletivas, integrando a reflexão historiográfica e a criação literária. Ao fim, os artigos reafirmam a narrativa, em suas múltiplas formas, como um instrumento crítico indispensável para a leitura e a transformação do mundo contemporâneo.